

O martírio como construção retórica no discurso de Agostinho de Hipona (sécs. IV-V)

Martyrdom as rhetorical construction in the discourse of Augustine of Hippo (4th-5th centuries CE)

PLOYD, A. *Augustine, martyrdom, and Classical rhetoric*. New York: Oxford University, 2023. 184 p.

Igor Pereira da Silva*

Recebido em: 01/06/2024
Aprovado em: 13/06/2024

A teologia desenvolvida por Agostinho de Hipona desperta interesse em vários públicos, seja de leigos ou especialistas. O pensamento desse bispo norte-africano, dos primeiros séculos do cristianismo, tem sido capaz de chamar à discussão os mais variados temas, que, por sua vez, estão no sustentáculo do cristianismo e da filosofia ocidental. Com Adam Ployd não poderia ter sido diferente, pois foi o seu interesse pelo bispo de Hipona que o levou à pesquisa da retórica do martírio.

Adam Ployd é doutor em História da Teologia pela Universidade Emory (2013). Após passar por uma experiência como vice-diretor da Faculdade Metodista de Teologia Wesley House (2021-2023), tornou-se reitor e conferencista em Estudos Religiosos da Universidade de Yale (2023). Em sua primeira publicação, *Augustine, the Trinity, and the Church* (2015), abordou a retórica de Agostinho como ancorada de forma central na teologia trinitária, o que, por parte do bispo, permitiu a construção da identidade unívoca da Igreja, contrariando as dissensões donatistas.

Em seu último texto, Ployd (2023) aborda como o martírio cristão foi produzido de forma retórica. Para isso, utiliza os trabalhos desenvolvidos por Candida Moss, em *The Myth of Persecution* (2013) e *The Other Christs* (2010); por Elizabeth Castelli, em *Martyrdom and Memory* (2004); e por Lucy Grig, em *Making Martyrs in Late Antiquity* (2004). Todas

* Mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo.

as autoras contribuíram para o desenvolvimento da compreensão da retórica cristã como responsável por moldar a identidade e a concepção do mártir, dentro e fora da comunidade cristã.

Para justificar a escolha de Agostinho na abordagem dessa temática, Ployd (2023) elenca duas justificativas: a abundância de documentos agostinianos que trazem discussões desse tema e a sua profissionalização na arte da retórica. Dessa forma, a gama de textos que Agostinho nos expõe, juntamente com a sua capacidade de construção retórica, permite a identificação dos escritos desse bispo como uma excelente fonte sobre o discurso cristão acerca do martírio. Constantemente, Ployd se refere à importância de considerarmos a abordagem da retórica dos autores da Antiguidade Tardia como inovadora. O seu destaque, contudo, concentra-se na necessidade de pontuar o modo como o autor investiga o discurso de Agostinho, em sua vasta construção retórica sobre o martírio dos cristãos.

A defesa da análise da retórica discursiva de Agostinho é estruturada por Ployd em três pontos, que são desenvolvidos ao longo do seu texto. Em primeiro lugar, destaca como Agostinho formula e aplica sua compreensão do martírio em contextos retóricos específicos. Em seguida, explora como ele emprega técnicas clássicas de argumentação retórica (*exempla*) para moldar seus mártires ideais e para atribuir-lhes um significado teológico. Por fim, analisa como Agostinho apresenta os mártires como representantes ideais da identidade cristã. Ployd acrescenta à sua leitura dos escritos do bispo de Hipona uma compreensão da construção teológica do mártir, apresentando-o não apenas como um exemplo de moralidade para os cristãos, mas como figura-chave em todo o seu discurso teológico. Para Ployd (2023, p. 6), Agostinho acredita e busca demonstrar como os mártires, com a sua própria vida, cumprem o propósito de Jesus de "levar os fiéis a se preocuparem com os bens celestes em vez dos terrenos".

Estruturando sua obra, Ployd desenvolve cinco capítulos coesos e bem delimitados. Como ponto de partida, o autor escolhe abordar o contexto sobre o qual Agostinho produz as suas obras. No primeiro capítulo, intitulado *O contexto dos mártires*, o autor estabelece os contextos culturais sobre os quais os primeiros cristãos constroem as suas retóricas acerca do martírio e aborda o desenvolvimento desse discurso no norte da África. Para isso, Ployd destaca a compreensão que Agostinho possuía sobre a controvérsia donatista e sua relação com o culto aos mártires. Ademais, o capítulo visa à análise da compreensão dissonante a respeito do martírio para dois outros círculos religiosos relacionados ao cristianismo: os maniqueístas e os pelagianos.

Ao abordar os discursos retóricos em torno dos mártires escilitanos, presentes nas *Acta* dos mártires escilitanos, e dos mártires cartagineses, descritos na *Passio*, de Perpétua

e Felicidade, Ployd busca demonstrar como o papel do mártir foi construído e reconstruído pelos autores cristãos, desde o final do século II. Esses relatos evidenciam demonstrações de *exempla* e *virtus*, que se estendem até os tempos de Agostinho. A abordagem do autor também conecta esses primeiros martírios a textos de autores cristãos que moldaram e remoldaram a visão do cristianismo acerca do martírio, como Tertuliano, em *Scorpiace* e *Apologeticum*, e Cipriano, em *De lapsis* e *De ecclesiae unitate*. O autor apresenta Tertuliano como defensor do martírio contra as críticas dos valentinianos. Cipriano, por sua vez, é destacado como um bispo-mártir que, diante da crise dos *lapsis* após a perseguição de Décio, dedicou-se à defesa da unidade da Igreja e do martírio.

Para Ployd (2023, p. 13-14), a contenda de Cipriano contra os novacianos antecede as lutas de Agostinho contra os donatistas. A busca por delimitar a legitimidade e a autoridade do mártir como ligadas diretamente à vinculação deste à Igreja, e não a comunhões concorrentes, estabeleceu um precedente que teria permitido a Agostinho, em *Confessiones*, contestar a autoproclamação dos donatistas como a verdadeira “Igreja dos mártires”. Ployd (2023, p. 16) aprofunda a demonstração da forma como Agostinho busca controlar a retórica sobre os mártires e seu culto. Para isso, cita como exemplo a descrição que o bispo realiza da vida de sua mãe, Mônica. Esta é apresentada como uma cristã exemplar por prestar culto aos mártires. Mesmo quando sofre uma reprimenda, Mônica demonstra sua modéstia ao aceitar se submeter aos ordenamentos do bispo Ambrósio. Ployd defende que Agostinho realiza uma virada retórica ao sustentar que a persuasão, e não a punição, deveria ser capaz de impedir os cristãos norte-africanos de continuarem cometendo abusos no culto aos mártires. A retórica de Agostinho, apresentada por Ployd, elenca abusos que seriam vexatórios e, até mesmo, prejudiciais, no culto aos mártires praticado pelos cristãos, apresentando semelhanças com o culto aos mortos da sociedade romana. Todavia, Ployd destaca que, apesar disso, Agostinho não deseja proibi-lo, mas reformá-lo.

Nas duas últimas seções do primeiro capítulo, Adam Ployd aborda um tema transversal da construção da retórica de Agostinho sobre o martírio: os embates polêmicos do bispo com os maniqueus e os pelagianos. Mesmo que não enxergue a presença robusta da retórica do martírio no discurso dessas comunhões concorrentes, as obras que Agostinho desenvolve para contestar esses grupos, apesar de curtas, possuem importantes menções ao martírio, como em *De moribus ecclesiae catholicae et de moribus Manichaeorum* e em *Contra Faustum Manichaeum*. Para Ployd (2023, p. 148), a presença dessa temática, mesmo nessas obras de caráter polemista, demonstra a “verdadeira onipresença do discurso dos mártires, devido à sua aparência e poder em disputas, o que de outra forma não permitiria estarem relacionadas”.

Por meio do segundo capítulo, cujo título é *O exemplo dos mártires*, somos apresentados a uma discussão sobre a técnica retórica dos *exempla*. A construção retórica do mártir de Agostinho depende dessa técnica. Por esse motivo, torna-se importante esmiuçar essa questão. Para Ployd, Agostinho indica que o culto ao mártir deve ser precedido pela imitação do mártir, caso contrário a veneração aos heróis da fé estaria esvaziada de sentido. O autor não defende que o bispo esteja agindo de forma contrária à prática do culto ao mártir, mas apenas busca domesticá-la e, para tanto, faz uso do *exemplum* do mártir, destacando as virtudes definidas pelo próprio Agostinho. Ployd recorre à retórica clássica de Quintiliano para encontrar a definição de *exemplum* empregada por Agostinho, passando a identificar a carga moral dos textos como útil e capaz de reforçar o efeito retórico sobre o leitor. Os *exempla* têm o papel de reforçar, de forma demonstrativa, o argumento sustentado pelo autor. Essa estratégia permite o uso do discurso retórico sem comprometer a relevância da apresentação prática, fundamentada na realidade do leitor ou do público.

Ademais, Ployd demonstra o modo pelo qual Agostinho apresenta Jesus Cristo como *exempla exemplorum*, isto é, o exemplo de mártir, ao passo que todos os outros mártires seriam seus imitadores. Dentre esses mártires do primeiro século, Ployd (2023, p. 40) afirma que Agostinho teria elencado Estevão como o “imitador ideal” de Cristo, apresentando semelhanças e adaptações do seu martírio em comparação ao de Cristo. Nesse sentido, ao realizar o culto aos mártires e reproduzir a narrativa de seus martírios, Agostinho estaria apresentando, aos futuros mártires, relatos mais próximos de suas realidades, fazendo desses mártires exemplos mediadores. Como dito por Ployd (2023, p. 42), enquanto Jesus seria compreendido a partir de seu caráter divino, Estevão era um homem comum, o que faria essas narrativas martiriológicas se tornarem necessárias “para que nós, que estamos cientes de nossas limitações, possamos encontrar inspiração em outros humanos como nós”. Em seguida, Ployd explicita o que ele considera como a função protréptica da construção retórica dos *exempla* de Agostinho. Do seu ponto de vista, o *exemplum* teria a função de estabelecer modelos morais, utilizando o caso do mártir Vicente para propor a discussão sobre o caráter espiritual da narrativa martiriológica. Tal narrativa destaca a valorização do mundo imaterial em relação ao mundo material, bem como a supremacia do poder de Deus em comparação ao poder do mártir.

O objetivo de Agostinho seria incitar a humildade e a espiritualidade dos cristãos, algo que poderia ser encontrado na imitação dos mártires. A crítica de Agostinho ao culto aos mártires caminharía no sentido da crítica à mera veneração aos mártires, exigindo uma veneração acompanhada da imitação das virtudes destes. Ademais, Agostinho defendia os mesmos critérios de abandono da carne praticado pelos mártires, o que levaria a uma

rejeição às práticas de celebração com excesso de bebidas. Além disso, o público do culto não deveria ceder à adoração dos mártires, mas lembrar de que o único a quem se devia adoração era a Deus. Para Ployd (2023, p. 49), o afincado de Agostinho e de outras lideranças cristãs do período na reorientação da veneração dos cristãos a Deus visava ao abandono de qualquer desejo que poderia existir em direção ao politeísmo herético.

Agostinho utiliza até mesmo os nomes dos mártires em sua construção retórica, demonstrando, por meio da etimologia nominal, a relação entre os significados dos seus nomes e suas personalidades. Dessa maneira, ele define um caráter exemplar inerente aos mártires, o que, para o autor, não pode ser entendido como *adnominatio* (Ployd, 2023, p. 52-54). Para apontar esse teor específico da etimologia nominal, Ployd faz uso dos sermões de Agostinho sobre Estevão, Perpétua e Felicidade, além de Cipriano.

Adam Ployd (2023, p. 59) conclui o segundo capítulo evidenciando a importância da etimologia nominal na retórica de Agostinho e no desenvolvimento dos *exempla* como uma forma essencial para a imitação dos cristãos. Ele finaliza com a seguinte assertiva: "Os nomes dos mártires não são incidentais. Eles são divinamente ordenados, providenciais e reveladores, não apenas da virtude do mártir em particular, mas também das virtudes e recompensas comuns a todos os mártires".

No terceiro capítulo, *O tempo dos mártires*, Ployd realiza uma discussão da utilidade da retórica dos *exempla* do martírio num contexto no qual não há perseguições aos cristãos. Para explicar como Agostinho compreende a permanência da utilidade do *exempla* dos mártires, Ployd recorre a Tito Lívio e Salústio, trazendo a compreensão de que a História e a Retórica estão conectadas desde a Antiguidade, principalmente por conta dos *exempla*, que precisam ser preservados pela História para seu uso na Retórica, com o intuito de incitar o leitor às virtudes destacadas pelo orador. Dessa forma, para Agostinho, as virtudes dos mártires são superiores a quaisquer virtudes que os heróis pagãos pudessem apresentar, e, além disso, os tesouros recebidos por esses heróis seriam inferiores à recompensa eterna recebida pelos cristãos (Ployd, 2023, p. 68). Ainda que faça descrições dos heróis da cultura clássica romana, o uso dessas narrativas coopera com o discurso retórico que enfatiza como os romanos mais virtuosos são apenas sombras dos mártires. Enquanto Salústio acreditava que, com a queda de Cartago, Roma ficou sem uma competição militar e política capaz de conservar a virtude dos heróis, Agostinho não via o fim das perseguições como algo que enfraquecesse a virtude dos mártires. Para ele, a luta dos cristãos ocorria no campo espiritual, e, nesse contexto, os mártires sempre seriam necessários como *exempla*. Ployd (2023, p. 73) entende que, ao adotar essa interpretação da historiografia, Agostinho se opõe à historiografia romana tradicional e constrói a visão

de uma história da Igreja como uma constante “batalha contra a tentação e os espíritos malignos”.

No final do terceiro capítulo, Ployd descreve como Agostinho compreende a beleza retórica que existe no ato do martírio. As narrativas violentas dos martírios seriam compreendidas como honrosas mediante o recurso da antítese. Enquanto as *passiones* descrevem o sofrimento do mártir, Agostinho aborda as virtudes daquele que escolhe morrer em nome da sua fé, destacando o brilho sobre as suas virtudes e deixando o sofrimento apenas como pano de fundo. A mesma antítese que contribui para a construção do martírio como belo é apresentada por Adam Ployd (2023, p. 78-79) como fundamental na compreensão da ordem divina da criação. Agostinho sustenta que, assim como um discurso pode ser elaborado com uma oratória bem ordenada e indubitavelmente bela, ele também é composto por estruturas e sons que surgem e desaparecem, como se estivessem nascendo e morrendo. Nesse sentido, tudo na criação de Deus é uma “criação retoricamente ordenada”, baseada na oposição entre o terreno e o celeste, de modo que as coisas contrárias criam equilíbrio e harmonia no cosmos.

No quarto capítulo, intitulado *O tribunal dos mártires*, Ployd examina um debate teológico sobre o título reivindicado pelos donatistas de “Igreja dos mártires”. Agostinho havia desenvolvido sua argumentação contra essa afirmação donatista utilizando a frase “*non poena sed causa*”.² A frase do bispo define que os verdadeiros mártires precisariam viver como cristãos, algo que, na compreensão de Agostinho, não incluía os donatistas. Adam Ployd propõe uma abordagem forense da retórica de Agostinho, que recorre à negação do fato para ignorar a aplicação da lei contra os donatistas, utilizando autores como Cícero e Quintiliano.

A intransigência de Agostinho vai além do que define o mártir, pois, para o bispo, o que levaria os donatistas a manterem a defesa de suas posições como mártires seria a sua inaptidão para a leitura das Escrituras. O bispo, dessa forma, faz uso da argumentação hermenêutica do *genus legale* e *interpretatio scripti*, apontando que os donatistas desconheciam tipos de leis e questões legais, de modo que não compreenderiam as intenções do escritor dos textos sagrados, promovendo leituras errôneas. Na segunda parte do capítulo, Ployd analisa como Agostinho responde à acusação de perseguição feita pelos donatistas contra a Igreja Católica, que identifica não uma perseguição, mas uma correção. O autor destaca o uso da *relatio criminis* por Agostinho, que visa a aumentar a culpa e a audácia do condenado, fazendo com que a pena pareça mais branda do que aquela que o acusado, de fato, mereceria (Ployd, 2023, p. 97-98). Agostinho, assim como

² Em português: “não pela pena, mas pela causa”.

os donatistas com os quais debatia, compreendia que o embate sobre o que definia o mártir ou o martírio não se restringia apenas ao campo das instituições religiosas, mas envolvia também a questão de “quem deve receber o benefício da legitimação imperial” (Ployd, 2023, p. 107).

No último capítulo, cujo título é *A Retórica dos mártires*, Adam Ployd apresenta a maneira pela qual podemos compreender o mártir no discurso retórico de Agostinho. Para Ployd, o bispo de Hipona define os mártires como oradores cristãos ideais e, utilizando da figura desenvolvida por Cícero, o mártir apresenta, também, as características do orador-estadista cristianizado. Para abordar o orador e o orador-estadista, o autor recorre, novamente, à literatura clássica, fazendo uso principalmente dos textos de Cícero. Mas, como já foi abordado, o modo como Agostinho concebe o mártir exige que a compreensão do “orador-estadista cristão” seja diferente daquela apresentada por Cícero. Enquanto Cícero entende que o orador-estadista deve organizar a República, Agostinho defende que o mártir seja um estadista no plano espiritual, podendo, momentaneamente, estar no reino terreno hostil. Todavia, deveria ter como objetivo final se constituir como um estadista na cidade de Deus. O autor cita uma série de mártires que são descritos por Agostinho como *exempla* de oradores, os quais se destacam tanto por seus discursos potentes e firmes quanto por suas ações e exemplos morais.

Adam Ployd (2023, p. 131) compreende que, apesar de o governo ser avesso ao cristão, podendo, até mesmo, persegui-lo, o mártir, antes de se tornar um estadista na cidade de Deus, deveria desempenhar este papel ainda na cidade terrena. Por meio da persuasão, e não da violência, os mártires, que seriam os estadistas primordiais descritos por Cícero, teriam a responsabilidade de “conduzir as pessoas da selvageria para a piedade, pelo testemunho da verdade”, ou seja, através da manifestação de transformações das virtudes cívicas tradicionais; não por meio de leis, mas mediante o poder retórico atribuído aos mártires (Ployd, 2023, p. 132). Dessa maneira, seria possível escapar dos bens terrenos e das tentações mundanas. Contudo, para isso, seria necessário estar o mais próximo possível dos ideais de promoção da fé, da esperança e do amor.

Concluimos a presente resenha afirmando que a obra *Augustine, martyrdom, and Classical rhetoric* cumpre o objetivo de Adam Ployd, ao enriquecer o conhecimento histórico, propiciar revisões na literatura clássica e permitir uma abordagem retórica do discurso de Agostinho de Hipona acerca do martírio, algo caro à historiografia que trata da Antiguidade Tardia.

Referências

- CASTELLI, E. *Martyrdom and Memory: Early christian culture making*. New York: Columbia University, 2004.
- GRIG, L. *Making martyrs in Late Antiquity*. London: Duckworth, 2004.
- MOSS, C. *The myth of persecution: how Early christians invented a story of martyrdom*. San Francisco: Harper One, 2013.
- MOSS, C. *The other christs: imitating Jesus in Ancient christian ideologies of martyrdom*. New York: Oxford University, 2010.
- PLOYD, A. *Augustine, martyrdom, and Classical rhetoric*. New York: Oxford University, 2023.
- PLOYD, A. *Augustine, the Trinity, and the Church: a reading of the anti-Donatist sermons*. New York: Oxford University, 2015.